

Estados primordiais da mente

Destruição ↔ construção/
Aniquilação ↔ crescimento

Claudio Castelo Filho¹

Resumo: O texto aborda a inexorabilidade, em todos nós, de sentimentos, paixões, impulsos (incluindo os que impõem a necessidade de existir), violência, amor, ódio (ódio à realidade e à vida), rivalidade, inveja, e estados primordiais da mente, sobre os quais não temos opção de escolha e que se nos impõem, quer aceitemos ou não. Ressalta a necessidade de desenvolvimento da mente e da capacidade dessa para assimilar, negociar com, e valer-se dessas dimensões de forma criativa, de modo a não sermos avassalados ou destruídos por elas. Refere também questões inatas que podem ser um grave problema para a vida. São utilizadas diversas vinhetas clínicas em que fica evidente o drama entre a rejeição, o ataque a essas dimensões e a contrapartida da possibilidade de acolhê-las, assimilá-las, e mesmo se beneficiar delas quando podem ser pensadas. O autor também se vale das obras de Eurípedes e Sófocles para elucidar sua abordagem, recorrendo aos mitos de Dionísio, em *As Bacantes*, e de Édipo, em *Édipo Rei* e *Édipo em Colono*. Os filmes *Ludwig*, de Visconti, e *A guerra dos Roses*, de DeVito, são igualmente mencionados como modelos.

Palavras chave: paixões, violência, pensamento, primordial, criatividade

1 Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), doutor em Psicologia Social e professor livre-docente em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP). Membro Honorário do CEEPU (Centro de Estudos e Eventos Psicanalíticos de Uberlândia).

Os tropismos

*A ação apropriada para os tropismos é a busca. Tenho considerado esta atividade como relacionada ao assassinato, ao parasitismo, e à criação – os três tropismos. Sendo assim, considerando individualmente, os tropismos são vistos como brotando em busca de (1) um objeto para assassinar ou ser assassinado, (2) um parasita ou um hospedeiro, (3) um objeto para criar ou pelo qual ser criado. Mas tomada como um todo, e não individualmente, a ação **apropriada**² para os tropismos no paciente que vem para o tratamento é a busca por um objeto com o qual a identificação projetiva é possível. Isso se deve ao fato de que em tal paciente o tropismo de criação é maior que o tropismo para assassinato.³*

(Bion, 1992, p. 34)

A transgressão

O analisando, homem de 50 anos, executivo de uma grande empresa, em análise há uns cinco anos, menciona não saber o que dizer, e que está pensando coisas que não lhe parecem relevantes ou que possam ir a algum lugar. Eu sugiro que conversemos sem pretensão para ver onde podemos chegar.

Para minha surpresa, logo menciona um sonho em que estava em um táxi, com alguém mais, que era parado pela polícia. Ao descer, os policiais mandam abrir o porta-malas e nele encontram outra pessoa, que estaria sofrendo um sequestro relâmpago. Nesse momento, acordou muito assustado.

Indago se havia pensado algo, após algum silêncio. Faz alguma associação de que não me recordo, mas meu comentário foi o de que se sentia sequestrado por algum estado de mente em que se via confinado.

2 Destaco “apropriada”, como sendo algo de maior relevância.

3 As citações de Bion, neste trabalho, foram livremente traduzidas pelo autor.

Refere-se a uma atividade relacionada ao ramo de sua empresa em que descreve uma série de riscos e mesmo de violência social que precisa acompanhar. Menciona várias situações violentas das quais tomou ciência. Precisou interessar-se por esse campo nos últimos tempos, com o qual não costumava ter contato direto. Viu-se, nesse ínterim, extremamente tomado por toda a adrenalina envolvida e quase sem querer interromper a atividade quando ela já se mostrava desnecessária. Porém, no consultório, naquela sessão, via que estava finalmente se desconectando, sentido-se separado daquele frenesi e da necessidade de estar mergulhado nele. Comento que se sentia saindo de um transe.

Refere-se a uma família de parentes seus que foram morar na Europa e a crianças que estudam numa escola em que já houve diversos suicídios de alunos adolescentes. A mãe lhe telefona, aflita, temendo pelos filhos que estudam lá por conta da pressão que sofrem por excelentes performances. Ele conversa com um dos meninos que parece lhe ter em conta como alguém com quem pode trocar ideias sem logo levar bronca, que é o que acontece com os pais dele, que costumam perder a cabeça (e também tem altas expectativas e exigências com os filhos, segundo o analisando). A conversa parece ter sido boa.

Fica horrorizado com a ideia de adolescentes se matando. Também pondera que acha que não seria capaz de fazer isso. Eu comento que o problema maior é achar que não seria capaz de tal atitude, e de só se dar conta de ser quando já for demasiado tarde.

Menciona também um encontro que teve com um conhecido, que devido às funções que exerce, anda armado, que lhe pediu para ficar com sua arma por alguns instantes. Passou-lhe pela cabeça, por segundos, a ideia de matar um desafeto, também presente no ambiente, com a arma. Assustado, devolveu a arma e confidenciou ao conhecido o seu pensamento, e ele, por sua vez, também se aterrorizou com a ideia e suas consequências.

Vêm-me espontaneamente à mente, e comunico-lhe, uma situação que viveu há pouco e que o assustou muito. A despeito de ter muitas mulheres, filhos, e três casamentos desfeitos, muitas vezes tendo várias namoradas ao mesmo tempo, era amiúde assaltado pela fantasia de transar com travestis. Várias vezes já havia pensado em encontrar com algum,

mas sempre reprimia as ações correspondentes. Entretanto, vendo-se só, numa tarde, em um rompante, partiu da ideia para a ação de encontrar-se com um travesti de luxo. Logo que gozou saiu correndo da situação. Mencionou que não se sente atraído por homens com aparência masculina, mas que os travestis eram um universo que o fascinava. Assustou-se com possíveis consequências que tal aventura poderia desencadear (na saúde, a despeito de ter-se precavido, na sua reputação, o medo do submundo e de chantagens etc.). Faço a associação entre um episódio e os outros que mencionara antes, em que algo pode ser feito num átimo, num rompante, num transe.

Ele concorda e sente-se muito angustiado com a possibilidade de perder a cabeça, de enlouquecer. Menciona um parente próximo que está num sanatório, demente.

Diz que se sentiu muito ajudado com o comentário que eu havia feito no dia em que me contou sobre o travesti. No comentário eu teria dito que mais do que uma questão sexual, que me parecia que ele precisava transgredir! Que se sentia preso a um estado mental, confinado nele, que precisava ser rompido para que não se sentisse sufocado e estéril. Porém, ao romper a barreira que o sufocava, transgredindo, temia que tudo pudesse ruir, num colapso generalizado. Ele associou, no dia em que fiz essa interpretação, a toda uma pressão para que tenha uma vida convencional, na qual se via sufocando com as ex-esposas, ou no seu trabalho, em que percebe que para ser bem aceito ou respeitado precisa muitas vezes produzir não algo criativo, mas nos conformes, quadradinho, tal como acontece atualmente nos desfiles de escola de samba, em que aquela que ganha o campeonato cumpre todos os requisitos do regulamento nos mínimos detalhes, porém o desfile não empolga, não entusiasma, não tem vida. Disse também que minha observação sobre a necessidade de transgredir o preencheu de uma maneira que nunca havia sentido, emocionando-o de uma forma inédita. E eu completei que preenchendo-o de uma forma que o encontro com o travesti, e com todas as mulheres que tem tido em intensas atividades eróticas, ou nas atividades associadas à violência social em que precisou trabalhar, não haviam conseguido. Ele diz que é assim mesmo que se sentiu, emocionado.

Ele próprio, considerando ideias que já haviam sido conversadas durante sua análise, comenta que percebe que a criatividade poderia estar associada a essas áreas de transgressão.

Eu digo que, efetivamente, esse era o caso. Que estados criativos estavam mesmo associados a essas vivências de transe. Menciono que ele gostaria de poder viver situações criativas, em que entre em transe (um transe lúcido), sem que necessariamente se produzisse, concomitantemente, um possível desastre ou catástrofe. Era para isso que ele estava esperando que eu pudesse ajudá-lo, permitindo-lhe entrar em trances de uma forma que pudesse ser controlada, tal como acontece com atores e espectadores num bom espetáculo teatral.⁴

Ele diz que sim, que fica com muito medo de terminar como seu parente internado, que já fora um eminente cientista.

Menciono que ele gostaria de poder contar comigo para tal tarefa. Advirto-o, porém, que o risco de se trabalhar nessa dimensão era real. Era mesmo uma zona de muita turbulência. Digo-lhe que ele esperava que eu fosse como um piloto de Boeing que pudesse segurar no ar o avião em zona de muita turbulência. Sempre poderia haver mesmo um colapso. Todavia, ele estaria interessado e disposto, pois se era perigoso pegar avião e passar por turbulências, seria insuportável para ele a ideia de nunca arriscar e entediarse para sempre sem sair do lugar, nos conformes do “esperado”.

Ele anui com a cabeça e diz um sim com emoção. Encerramos a sessão.

Eurípedes e Sófocles

Em *As Bacantes* de Eurípedes está explicitada a importância de se considerar os aspectos primordiais e vulcânicos da natureza humana representados pelo deus Dionísio. Ele se apresenta como mensageiro de si mesmo ao príncipe regente da cidade, Penteu, solicitando que seja constituído o culto a essa nova divindade que chegava. O príncipe, do alto de sua arrogância, esnoba o deus e não o ouve, desprezando não só suas solicitações e conselhos como tudo o que vai se sucedendo à sua volta. As mulheres

4 Ou aquele que precisa experimentar o analista, em *reverie*, no qual ele possa observar a alucinação, para fazer um trabalho realmente criativo, em transformações em O, conforme propõe Bion.

em transe e em furor nos campos em volta da cidade (incluindo sua mãe e irmãs), e o terremoto e incêndio no palácio produzidos pelo deus. Não reconhecendo o mensageiro como o próprio deus e ignorando as forças que ele representa, Penteu acaba destroçado por elas (sua mãe e irmãs arrancam sua cabeça do tronco pensando que ele era um leão). Considero que a peça revela a importância de reconhecermos toda essa dimensão dionisíaca, primordial e violenta, para que ela possa tornar-se pensável, ou exercida em condições que não destruam a humanidade, sendo, no que possível, civilizável e fonte de muita criatividade (como ocorre no teatro em que esse deus é o patrono, no cultivo da vinha e na produção do vinho, e de forma “organizada” e muitas vezes bastante criativa, no Carnaval).

Em *Édipo Rei* algo similar se passa. Arrogantemente Édipo rechaça a revelação feita por Tirésias de sua responsabilidade na situação de descálabro pela qual passa Tebas. Ele só pensa quando não há mais o que negar. Sua rejeição à investigação e ao conhecimento também se deve ao horror com que vislumbra a integração depressiva. O “superego” desta personagem não corresponde a imagens internalizadas que sejam reflexivas e pensantes, mas sim a aspectos parciais, fragmentados e idealizados dos seios/mãe/pai (extremamente bons ou extremamente maus) que exige do ego algo igualmente ideal. A consciência não é uma “com-consciência” tendendo a integrar o ego e integrar-se ao mesmo. O superego primitivo, resultante das introyecções precoces dos objetos parciais – tal como descreve Klein em “The origins of transference” (1952/1975b) – que não sofreram uma integração depressiva, corresponde a uma consciência moralista, cruel e assassina, e que também pode ter suas raízes numa consciência moral primitiva (inata), postulada por Bion (2005, p. 88), que em determinadas pessoas é extremamente acentuada, que tudo sabe, tudo julga, e tudo condena. Também a consciência de sua mãe, Jocasta, incapaz de reverie, leva-a ao auto-extermínio quando ocorre o *insight*. Édipo, por sua vez, sofre um desastre e se ataca com crueldade furando os próprios olhos.

Todavia, em Édipo em Colono poderemos ver um Édipo sábio que pôde usar essa catástrofe para aprender com a experiência. Sua consciência, então, torna-se uma “com-consciência”. Nessa tragédia, às portas de Atenas e prestes a morrer, recebe a visita de seu tio Creonte, que vem seduzi-lo para

levá-lo de volta a Tebas, visto que o local onde ele morresse e fosse enterrado ficaria protegido pelos deuses. Indignado, Édipo indaga a Creonte onde estavam seu interesse e compaixão quando da revelação do incesto, de sua expulsão de Tebas, da hecatombe que se seguiu em sua vida. Agora interesseiro, vinha buscá-lo não por ter-lhe consideração, mas por egoísmo, visando um bem para si, que se tornara o rei da cidade com a destruição da família de Édipo. Este último, por sua vez, percebe a desnecessidade da violência que havia aplicado contra si quando entra em contato com a revelação, e adquire o conhecimento que imaginava ter, mas que, de fato, não possuía, ao responder ao enigma da Esfinge, cuja resposta, segundo Bion, não necessariamente corresponde ao que o enigma pedia, mas uma vez que à Esfinge só interessava obter uma resposta, não importava qual, ela deixa de ter porque existir ao recebê-la. Depois de anos de cegueira, miséria e perambulação pelo mundo, iluminado, e sábio, Édipo verifica que sua atitude diante do que vivera, poderia ser outra, que incluísse a compaixão e o aprendizado com a experiência.

Em *As bacantes* a revelação dos crimes também leva a banimento e exclusão, mas pode proporcionar elementos para reflexão e conhecimento para os leitores ou para a plateia. Ambas as peças serão lidas ou vistas de modo diferente, caso a consciência (que aqui estou igualando ao superego) possa usar o que capta para aprender ou para aplicar juízos de valor moralistas (manifestação de clivagens, arrogância e horror ao desconhecido). A mudança de qualidade que pode ocorrer no superego depende em grande parte da ocorrência da *reverie*, permitindo uma integração depressiva sem um concomitante desastre. Uma condição limitante a este desenvolvimento são as características constitucionais desfavoráveis de um indivíduo (predominância do instinto de morte, ou para continuar “grego”, de Tântatos). A consideração pela experiência, o contato com a realidade da condição humana e o acolhimento dessa podem auxiliar como contraponto a essa consciência moral primitiva, se houver alguma brecha para tal. As turbulentas e intensas forças primordiais poderiam, dessa forma, caber, ser contidas, por uma mente capaz de acolhê-las, e, em parte, assimilá-las, civilizando-as – o que diferencio completamente de enquadrá-las ou sufocá-las –, o que, para mim, sempre resulta em algo desfavorável, tal como evidenciam essas tragédias.

O respeito à natureza é vital para a sobrevivência e para a qualidade de vida. A humanidade não pode impedir a ocorrência de furacões ou terremotos, contudo, o conhecimento da natureza e a consideração devida a esta pode evitar que suas manifestações se tornem desastres de grandes proporções. Quem conhece e tem respeito pelos vulcões não vai morar em suas crateras; da mesma maneira, a meteorologia pode evitar maiores morticínios durante um furacão na costa americana, diferentemente de algo que sucede em Bangla Desh, onde, por conta da ignorância, da precariedade de recursos, um evento da mesma natureza costuma configurar grandes perdas humanas.

Na Islândia, os habitantes construíram usinas termoelétricas nas bordas de crateras de vulcões ativos. Aproveitam toda a energia produzida por esta atividade sem, contudo, desconsiderarem ou negligenciarem a natureza do fenômeno, estando cientes de que, a qualquer momento, as próprias forças das quais tiram benefícios poderão devastar tudo. Portanto, não descuidam de verificar os primeiros indícios de tal possibilidade.

Nossa natureza não é de nossa escolha, nossas características físicas e de personalidade tampouco. Elas são dadas e se impõem tanto quanto as dos fatos externos e da natureza do universo. O conhecimento e o respeito pelas características de nossas naturezas podem evitar sofrimentos consideráveis, visto que a obstrução às mesmas não vai alterá-las. Em vez de darmos murros em ponta de faca brigando com algo que seja da nossa essência, por mais que possamos desgostar ou repudiar as características que verifiquemos, seja porque confrontam-se com valores morais estabelecidos ou por serem assustadoras, visto que todos nós somos capazes das maiores violências e barbaridades, ou pela tormenta que elas possam desencadear como no sexo e nas paixões, o relevante seria o reconhecimento e a aceitação delas, o que nos dá alguma margem de negociação com as mesmas e, eventualmente, a possibilidade de tirar proveito delas.

As dimensões apresentadas por Dionísio, do furor primitivo, da embriaguez, da sensualidade, do arrebatamento pelos sentidos, é algo inescapável. O quanto podemos nos aproximar disso para vermos o que melhor fazer com essa dimensão, se possível desenvolvendo a condição de pensá-la. A peça de Eurípedes é uma maneira de evoluir essa constatação,

apresentando-a para que possamos pensá-la e respeitá-la, da mesma forma que o próprio teatro (e o transe em que a plateia e atores precisam entrar, num estado alucinatório momentâneo, para que o efeito e a eficácia dramática se produzam) tem como patrono esse deus (uma forma de nomear a apreensão de uma conjunção constante de elementos da natureza humana sob a denominação Dionísio/Baco/bacantes/bacanal, conforme um olhar psicanalítico que proponho).

Ninguém escapa dessas dimensões, ninguém se livra delas. São realmente muito poderosas, tal como o deus Dionísio, a quem coube um culto muito importante, assim como a Afrodite. A paixão e a sensualidade são fundamentais, porém, qual a condição que se pode ter para negociar com elas? Como não acabar sem cabeça ou cego como Penteu ou Édipo? Qualquer um que já tenha se apaixonado, e o amor apaixonado⁵ também é o estado em que uma pessoa fica mais próxima de si mesma, de ser quem ela é, de O, tal como propõe Bion em *A memoir of the future* (1991), sabe, por outro lado, como é difícil manter a cabeça fora da água nesse mar revolto.

Psicanálise, conforme a vejo, serve apenas para apresentar uma pessoa a ela mesma, àquilo que ela é (e não pode escolher), quer seja do seu gosto ou não, quer esteja em conformidade com seus valores morais ou não. Penso que uma das questões mais difíceis para nós é reconhecermos que somos criaturas e não o criador. Não temos o poder de sermos conforme as projeções dos próprios desejos que, por sua vez, também não são da nossa escolha, ou dos grupos, incluindo o desejo de ser deus que pudesse configurar os céus e a Terra (e, sobretudo, a si mesmo enquanto deus que pode fazer isso), conforme suas vontades.

Ao psicanalista não cabe apresentar-se como Penteu, com o intuito de negar e repreender a natureza de seus analisandos. Ao analista caberia apresentar a realidade que percebe de seu analisando para que ele possa acolhê-la, acolher-se, e verificar que recursos teria para negociar com essas características e com os grupos de que faz parte. Aspectos essenciais da natureza do paciente não poderão ser suprimidos pela pressão de quem quer que seja (tal como entrar para a igreja não impede que a sexualidade

5 Cujas contrapartida é o amor bestial.

que não pode ser pensada corra solta pelos corredores de seminários ou no abuso de crianças, tão evidenciado em tempos recentes). Pode haver questões que sejam fundamentais para o analisando que sem as quais viver possa não ter o menor sentido, ainda que integrado no *status quo*, aceito e considerado como indivíduos de sucesso em seus meios sociais, mas que sintam que não podem viver conforme o que de fato são e tampouco atender a necessidades que sejam insubstituíveis e intrínsecas às suas próprias naturezas.

Muitas intenções de suicídio estão associadas à impossibilidade de uma pessoa de igualar-se às suas expectativas sobre si mesma e àquelas que imagina que ou, de fato, seu grupo lhe impõe. A vida que lhes resta, mesmo que não se matem, na medida em que não abre perspectiva de uma efetiva autorrealização, é mesmo muito inóspita.

Outra situação clínica

O analisando separa-se da esposa de quem se queixava amiúde de ser chata e controladora. Ficava mandando que cortasse o cabelo, queria decidir as roupas que ele vestia, a aparência que precisava ter para apresentar-se no trabalho e em ocasiões sociais etc. Passou anos para conseguir separar-se. Não sabia o que o mantinha em um relacionamento que achava desgastado, em que o sexo era ruim, e que não tinham afinidades em quase nada.

Ao mesmo tempo, mantinha vários relacionamentos paralelos com outras mulheres, prostitutas, e muita atividade masturbatória em sites pornográficos na internet. No trabalho, frequentemente apresentava-se como um “garoto levado”, epítome de que parecia se orgulhar, como sendo um sinal de superioridade sua; algo que, segundo penso, também acreditava que iria me impressionar e fazer com que eu o admirasse. Como se os demais adultos fossem todos uns tolos, por viverem convencionalmente e de forma aborrecida.

Após mudar-se para um pequeno apartamento, começou a ter grandes dificuldades para dormir e viu-se insistentemente olhando para a

janela diante de sua cama durante a noite, enquanto experimentava angústias consideráveis.

Digo-lhe que teme jogar-se pela janela. Ele espanta-se e diz que nunca havia se dado conta disso.

Digo que ele, ao ver-se só, temeu que o “garoto levado” agisse sem a presença de um adulto “chato” que o contivesse, e que ele acabasse es-traçalhado no térreo do prédio. A função de adulto chato tinha sido atribuída à ex-esposa, visto que ele próprio não queria tornar-se um adulto chato. Uma vez sem ela, não queria recuperar essa função que na verdade lhe cabia, entrando em pânico por não contar com ela (a função) que repudiava.

O analisando entende que deveria, então, livrar-se da criança, do bebê, para tornar-se um adulto. Eu complemento dizendo que não era o que pretendia comunicar. Minha ideia era de que ele pudesse acrescentar ao bebê, à criança, ao “garoto levado”, o homem adulto que ele também era, que fosse capaz de cuidar deles, impedir que fizessem desatinos que os prejudicassem, mas que ao mesmo tempo ele pudesse se valer do que há de novo e criativo, disruptor, que esses aspectos proporcionam, sem que uma catástrofe se produzisse.

Essa comunicação parece ter um profundo efeito no analisando.

Tristão e Isolda, o rei Arthur e Guinevere

Vem-me à mente as histórias de Tristão e Isolda e do rei Arthur, em que uma paixão avassaladora entre os personagens arrebenta com todos os elos de amizade, lealdade e compromissos morais das rainhas e de seus cavaleiros, em detrimento dos reis a quem deviam dedicação. Não é algo que possam contornar, pois os sentimentos e os desejos se impõem a quaisquer ponderações que não os considerem. Tal como em *Édipo* ou nas *Bacantes*, a tentativa de negação dessas forças resulta em tragédia, morte, e desagregação.

O ódio à realidade e suas decorrências

A impossibilidade de lidar com o ódio à realidade, presente em todos nós,⁶ mas que em algumas pessoas parece ser particularmente mais acentuado, leva muitas pessoas a uma série de dificuldades que podem resultar, se não na morte física, pelo menos na morte da mente. O exemplo mais trivial dessa situação é a impossibilidade de cuidar da própria saúde, de consultar um médico, de fazer check-ups, visto que esses podem revelar realidades odiosas e sentidas como intoleráveis. Não podendo verificar a existência de um problema, ou onipotentemente recusando o reconhecimento de sua existência, não há como se lidar com ele, o que pode ser fatal.

A mente, em estados de onipotência que se contrapõem aos de desamparo diante da supremacia dos fatos que a realidade nos impõe, passa a ser responsabilizada por aquilo que existe. O que existe = ao que é produzido pela mente. Portanto, para neutralizar a realidade inaceitável que permanece se mantendo por mais que se tente produzir uma substituta alucinada, a mente passa a ser alvo de violentos ataques, que visam aniquilá-la. Uma vez a mente destruída, o indivíduo se vê numa situação em que não pode lidar com os fatos que seus órgãos dos sentidos continuam a lhe informar a existência, que não pode ser reconhecida, e em relação aos quais não tem o que fazer, visto que o equipamento que reconheceria a existência do que os sentidos informam está ele próprio arruinado e tem sua própria existência também negada. Para mim, essa é uma situação intimamente associada a síndromes de pânico, em que, diante de fatos que se apresentam, uma pessoa se vê sem possibilidades de lidar com o que lhe informam os sentidos, pois não pode aceitar a existência de uma realidade que não seja sua produção própria (tal como um deus que produz o que existe),

6 Mesmo grandes pensadores como Freud, tão empenhados na busca da verdade, também se submetem aos ditames do ódio à realidade, eventualmente. Isso ficou patente durante a iminente invasão da Alemanha nazista à Áustria, em que ele se recusou a crer que os “civilizados” vienenses pudessem compactuar com tal mentalidade. Sua negação continuou após a anexação e o total apoio dado aos nazistas pela maioria da população de sua amada cidade, e somente após a captura de sua filha pela Gestapo ele considerou efetivamente aceitar a ajuda da Princesa Bonaparte para escapar com seus familiares diretos para a Inglaterra. Suas irmãs morreram em campos de extermínio.

e tampouco pode contar com um equipamento que pudesse lidar com os fatos cuja existência é “abolida”.

Dois exemplos

Um está no filme *Ludwig* de Luchino Visconti, em que o rei da Baviera é avisado por um de seus ministros de que a Prússia havia declarado guerra e estava para invadir as fronteiras do reino. Ludwig responde ao ministro perplexo que “o rei não reconhece a existência da guerra”!

O outro, uma situação clínica em que uma analisanda muito inteligente se via em constantes crises de pânico ao sair só na rua. Na minha observação ela insistia em manter na sua mente a existência de um marido que descrevia como um príncipe encantado. Em contraponto, suas próprias narrativas de como era a relação efetiva que mantinham descreviam uma situação de muito sofrimento e violência mental na convivência com ele. A experiência descrita era insistentemente negada para que se preservasse a crença no mito do príncipe encantado e da Cinderela realizada nos seus anseios.

Para manter tal crença, ela precisava atacar sua mente que registrava sua experiência que derrubava tal mito. Com a mente destroçada para manter a ilusão, não podia dispor dela para enfrentar os fatos triviais da vida que continuavam a se apresentar. Os próprios fatos sendo eles mesmos evidências de uma realidade não produzida por ela mesma, não eram aceitáveis como existentes e, por conseguinte, não se podia lidar com eles e nem havia equipamento para lidar com eles, só restando o pânico diante daquilo que os órgãos dos sentidos permaneciam lhe apresentando, como se as sombras fossem, já que não deviam existir e nem deviam estar sendo vistos.

Se esse modo de funcionar prossegue, a mente pode ser destroçada, com o indivíduo permanecendo vivo de corpo, mas morto de alma. Ou atuações podem ser feitas (como assassinatos ou suicídios) para que a realidade “coincida” com as criações onipotentes.

Situações em que a natureza das personalidades parece ser deletéria. A prevalência dos tropismos parasitários e para o assassinato

O significado com o qual desejo investir o termo “arrogância” pode ser indicado ao se supor que numa personalidade em que os instintos de vida predominam orgulho se torna auto-respeito, enquanto em outra em que predominam os instintos de morte o orgulho se torna arrogância.

(Bion, 1957/1993, p. 86)

Se rivalidade, inveja e ódio forem secundárias à chance de uma solução adequada seria possivelmente maior do que se for o caso de a rivalidade, a inveja e o ódio serem características intrínsecas e inatas do paciente, a essência mesma de sua personalidade...

...

Sua natureza seria mais fácil de compreender se for percebida como tendo origem em um estado físico normal e brotando da própria saúde e virilidade dos dons do paciente para ambição, intolerância à frustração, inveja, agressão e sua crença de que há, ou deve haver, ou haverá (mesmo que tenha de ser criado por si mesmo) um objeto ideal que existe para satisfazer-se. A impressão que tais pacientes dão de sofrer de uma desordem de caráter deriva da apreensão de que o bem-estar e vitalidade deles brota das mesmas características que geram problemas.

(Bion, 1965/1977b, pp. 143-144)

Por fim, considero situações em que parece que as pulsões de morte (Freud, 1920/1978a), a inveja constitucional (Klein, 1957/1975a e Bion, como

se pode ver nas citações acima), são o estofo mesmo das personalidades em questão. Nessas situações, a intensidade dessas pulsões e dos sentimentos a elas associados, é tão grande que mesmo as melhores condições que essas personalidades possam encontrar para se desenvolverem acabam resultando em mais fragmentações e destruição. O encontro de uma mãe, seio, que seja tolerante e acolhedor (ou amigo, analista colega), capaz de pensar o que o indivíduo não é para ajudá-lo a desenvolver essa função (*reverie*), resulta não em gratidão ou crescimento, mas em um violento ataque invejoso que visa destruir aqueles que podem colaborar, tal como na fábula da rã e do escorpião de Esopo.⁷

Essa posição diverge da ideia de inveja como reativa e secundária de Winnicott. Tendo isso em vista, o analista deveria estar atento a situações em que o paciente não vem para criar, mas para destruir o analista, a si mesmo e à psicanálise [ver o contraste entre o vínculo comensal e o parasitário em *Attention and Interpretation* (Bion, 1977c (1970), p. 95)].

Recordo uma analisanda que ficou pouco tempo em análise. Logo nos nossos primeiros contatos a convivência com ela mostrou-se particularmente desconfortável. Entrava na sala de tal jeito que evidenciava que, tanto eu, quanto o resto do mundo, estaríamos em dívida com ela, cabendo-me ressarcir-la dos danos e injustiças que a vida lhe teria feito. O que me narrou também era preocupante quanto à minha integridade profissional e pessoal. Todos os seus ex-terapeutas foram descritos como maus caráter e um deles como tendo se insinuado sexualmente, a despeito de ela ser uma mulher já entrando nos 60 anos, e longe de ser propriamente atraente, não obstante os evidentes esforços, ao produzir-se, para tornar-se. Relatou que fora extremamente hostilizada pela mãe e por todo o resto de sua família, sendo vítima, segundo ela, de muita desumanidade por parte de todos. Sua mãe e seus irmãos haviam rompido consigo e não mais permitiam que se aproximasse deles. O modo como isso era relatado poderia mobilizar, de início, uma violenta indignação e considerável hostilidade a seus parentes. A manipulação era muito hábil. Porém,

7 Ver também o *splitting* forçado que resulta numa combinação de inveja e voracidade em contrapartida com o *splitting* comum em que o par é inveja e gratidão (Bion, 1962/1977a, capítulo 5).

rapidamente dei-me conta do perigo de tomar o que ela dizia como fato. Ao final de sua experiência comigo, pude compreender perfeitamente a atitude de seus familiares.⁸

Nas suas relações do momento em que estive em análise comigo, mencionou situações em que procurava e mantinha envolvimento, que, pela sua conduta, facilmente poderiam resultar em crime passional, ou violentas reações contra ela ou contra terceiros que intrigava. Maledicência e intriga eram invariantes. Descrevia-se como constante vítima de maus feitos e golpes de terceiros, ao mesmo tempo em que me narrava atuações suas que eram de grande violência e desonestidade da parte dela para com os outros.

Tudo o que lhe oferecia era quase que inexoravelmente deplorado e tratado como desprezível. Amiúde reagia ao contato comigo como se fosse vítima de minha insensibilidade e crueldade, não obstante o cuidado que me via tendo para lhe evidenciar algo. Vi-me pisando em um campo minado.

Concomitantemente relatava o relacionamento com um ex-companheiro com quem convivia sob o mesmo teto, a despeito de terem condições de morarem em locais diferentes. A violência que descrevia haver entre eles era espantosa, e também aquela que dizia que ambos exerciam, de forma incontrolável, sobre terceiros menos favorecidos socialmente quando encontravam uma oportunidade. Concebi essa coabitação deles como algo em que ambos se juntaram para ter o que destruir um no outro continuamente, não para criar algo novo e esperançoso, como ocorre no filme *A guerra dos Roses* (DeVito, 1989).

Pelo considerável desconforto que passei a viver, e temendo pelo que estaria por acontecer comigo, pela minha reputação, pelo que ela me avisava pelos seus relatos, passei a cogitar o encerramento do atendimento. Antes que eu pudesse, contudo, ausentou-se durante três semanas dos atendimentos sem me dar qualquer notícia. Liguei para saber se estava mantendo os horários e os atendimentos (ela estando perfeitamente esclarecida de que a

8 É habitual em psicanálise se considerar como uma mãe pode enlouquecer seu bebê, todavia se desconsidera a contrapartida dessa situação que é a capacidade de certos bebês de enlouquecer suas mães (pais).

manutenção dos horários implicava o pagamento dos honorários) e ela disse que sim, que segurasse seus horários, que depois me explicava o que ocorria. Na virada do mês, liguei para saber novamente e também para lhe cobrar os honorários devidos. Recebi, por telefone, todo tipo de ofensas possíveis, chamando-me de crápula além de xingar-me com palavrões pesados que acompanharam essa expressão, porque, segundo ela, eu não poder ter tolerância com uma situação de dificuldades que estaria passando (e sobre a qual nada avisou) e que minha cobrança revelava o tremendo canalha que eu era. Nunca pagou o que ficou devendo. Avisou que não pagaria mesmo, porque eu era um inescrupuloso por cobrá-la num momento difícil (que reitero, sobre o qual nada falara, e a despeito das roupas e joias caras com que se apresentava nas sessões). Não ficou difícil entender porque sua família não a queria por perto.

Nessa situação, como em algumas outras que observei em poucos analisandos, parece haver algo intrínseco na própria personalidade da pessoa que sobrepõe-se às suas necessidades essenciais e vitais. Via-a desesperada no meio do inferno que criava para si e para os que estão à sua volta. Porém o comportamento destrutivo e invejoso parece ser atávico e superar todos os seus esforços em sentido contrário, assim como os dos demais que se dispõem a auxiliá-la, parecendo corroborar a proposta de Freud (1937/1978b) na qual análise não pode fazer nada com questões de caráter, em que as pulsões de morte parecem prevalecer sobre as de vida.⁹

O analista, salvo tenha pretensões messiânicas (e o destino dado ao Messias é conhecido), também precisa reconhecer quando as forças com as quais se defronta sobrepõem-se aos recursos que dispõe para se lidar com elas. Diante de vulcões como o Krakatoa ou furacões extremamente violentos, podendo antecipar suas atividades destrutivas, o melhor negócio é sair de perto e evitar que suas atividades possam destruí-lo. Mais uma vez, considero ser mais sensato dar passagem às forças que se anunciam, do que afrontá-las, quando não existem condições de instrumentá-las.

9 Inveja e voracidade sobrepondo-se a inveja e gratidão (Klein, 1957/1975a).

Bion propõe que ninguém deve desconsiderar as condições mínimas de trabalho de que necessita para exercer sua atividade. Isso também é reconhecimento da natureza primordial e respeito por ela.

Para finalizar, tenho em mente uma experiência de meu sogro, que foi um grande neurocirurgião.¹⁰ Chamado às pressas pelo irmão de um homem que estava tendo um quadro grave em casa, vizinho ao seu consultório, foi até a casa dele para ver do que se tratava. Ao chegar e constatar a situação disse que precisava operá-lo imediatamente. O homem que o chamou avisou-o, contudo, de que se o irmão doente morresse, ele o mataria (o cirurgião). Nesse instante, meu sogro deu-se conta de que ali não encontrava as condições mínimas para seu trabalho. Mandou que chamassem uma ambulância do hospital vizinho e que encontrassem outro cirurgião que se dispusesse a correr esse risco.

Estados primarios de la mente: destrucción↔construcción/ aniquilación↔crecimiento

Resumen: El texto aborda la inexorabilidad, en todos nosotros, de los sentimientos, las pasiones, impulsos (incluidos los que imponen la necesidad de existir), la violencia, el amor, el odio (odio a la realidad y a la vida), la rivalidad, la envidia y los estados primarios de la mente, sobre las que no tenemos opción y que se impongan de aceptar. Subraya la necesidad de un desarrollo de la mente y la capacidad de asimilar esto, tratar, y se basan en estas dimensiones creativamente, a fin de no ser abrumado o destruidos por ellas. También se refiere a las cuestiones innatas que pueden ser un problema serio para la vida. Se utilizan varias viñetas clínicas en las que el drama es evidente entre el rechazo, el ataque a estas dimensiones, y la consideración de la posibilidad de recibirlas, asimilarlas, e incluso se benefician de ellas cuando se puede pensar. El autor también se basa en la obra de Eurípides y Sófocles para aclarar su enfoque, usando los mitos de Dionisos en *Las Bacantes*, y Edipo en *Edipo Rey* y *Edipo en Colono*. Las películas *Ludwig*, de Visconti, y *La Guerra de los Roses*, de DeVito, también se utilizan como modelos.

Palabras clave: pasiones, violencia, pensamiento, primarios, creatividad

10 Professor dr. Rui Raul Dahas de Carvalho foi professor titular de neurocirurgia da Santa Casa de São Paulo por mais de 30 anos.

Primordial states of the mind: destruction↔construction/ anihilation↔growth

Abstract: The work is about feelings, passions, instinctive impulses (including the urge to exist), violence, love, hate (to reality and life itself), rivalry, envy, and primordial states of mind, that we all cannot choose to have or to feel them. They are inexorable. It enhances the need to develop the mind and its capacity to assimilate, deal with, and take advantage of these dimensions in a creative form, so we may be not overwhelmed or destroyed by them. It also mentions inborn characteristics that can be a serious problem to the lives of the ones who have them. Clinical situations describe the drama between rejection of (attack to) these dimensions and its counterpart, which is the possibility of accepting, assimilating, and even to benefit from them when they can be thought and dealt. The plays of Euripides and Sophocles (the myths of Dionisius and Oedipus in the *Bacchae* and *Oedipus the King* and *Oedipus at Colonus*) are used to make clear the author's point of view. Visconti's movie *Ludwig* and DeVito's *The War of the Roses* are also used as models.

Keywords: passions, violence, thought, primordial, creativity

Referências

- Bion, W. R. (1977a). Learning from Experience. In W. R. Bion, *Seven Servants: Four Works by Wilfred. R. Bion*. New York: Jason Aronson. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bion, W. R. (1977b). Transformations. In W. R. Bion, *Seven Servants: Four Works by Wilfred. R. Bion*. New York: Jason Aronson. (Trabalho original publicado em 1965)
- Bion, W. R. (1977c). Attention and Interpretation. In W. R. Bion, *Seven Servants: Four Works by Wilfred. R. Bion*. New York: Jason Aronson. (Trabalho original publicado em 1970)
- Bion, W. R. (1987). *All My sins Remembered & The Other Side of Genius*. Abingdon: Fleetwood.
- Bion, W. R. (1991). *A Memoir of the Future*. London: Karnac.
- Bion, W. R. (1992). *Cogitations*. London: Karnac.
- Bion, W. R. (1993). On Arrogance. In W. R. Bion, *Second Thoughts*. London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1957)

- Bion, W. R. (2005). *The Tavistock Seminars*. London: Karnac.
- DeVito, D. (1989). *A guerra dos Roses*. Los Angeles: 20th Century Fox.
- Eurípedes. (1974). *As bacantes*. São Paulo: Livraria Duas Cidades. (Trabalho original apresentado no século V a.C.)
- Freud, S. (1978). Beyond the Pleasure Principle. In S. Freud, *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 18). London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1978) Analysis Terminable and Interminable. In S. Freud, *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 23). London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1937)
- Klein, M. (1975a). Envy and Gratitude. In M. Klein, *Envy and Gratitude and Other Works*. London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1957)
- Klein, M. (1975b). The Origins of Transference. In M. Klein, *Envy and Gratitude and Other Works*. London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1952)
- Sophocles. (1967). Oedipus the King and Oedipus at Colonus. *The Complete Plays of Sophocles*. New York: Batam Books. (Trabalho original apresentado no século V a.C.)
- Visconti, L. (1972). *Ludwig*. Itália/Alemanha: Versatil Home Video.

Claudio Castelo Filho
claudio.castelo@uol.com.br